

O Estado de São Paulo

PAULO CINTRA DAMIÃO

Vale a pena conhecer o Estado de São Paulo, não apenas por ser uma região de muitas atrações turísticas que são visitadas com agrado, mas também por ser um Estado adiantado e progressista, e onde se concentram as maiores indústrias de grande porte do País.

Neste Estado, alia-se o antigo ao novo; o tradicional ao apelo de vanguarda; o passado ao presente.

Depois de quatro séculos de profundas alterações sociais e econômicas, ressaltam algumas características que distinguem este Estado dos demais.

Uma grande característica de São Paulo é a sua diversidade. É sempre controverso definir o que se entende por tipicamente paulista.

Dizer São Paulo é lembrar a grande variedade de etnias e nacionalidades que aqui se mesclaram, constituindo um povo engenhoso e trabalhador.

Dizer São Paulo é falar dos cafezais do Interior e dos arranha-céus da Capital; significa falar dos jesuítas, particularmente dos padres Nóbrega e Anchieta, que em 1554 ergueram um Colégio na oclina que fica a cavaleiro dos rios Tamanduateí e Tietê (então Anhembi); significa falar das modernas rodovias por onde circulam riquezas em todas as direções.

Dizer São Paulo é falar de São Vicente — a célula máter da brasilidade —, desde que ali aportou o colonizador português Martim Afonso de Sousa, em 1532.

Dizer São Paulo é lembrar a cidade de Santos, onde se localiza o principal porto do País; é lembrar seu fundador, o fidalgo português Brás Cubas, donatário das terras de Giribatuba (atual Jurubatuba), a mais vasta sesmaria de nosso litoral, parte integrante da Capitania de São Vicente; é lembrar a criação do 1.º hospital brasileiro (em 1543), pelo mesmo Brás Cubas, então com o nome de Casa de Misericórdia de Todos os Santos.

Dizer São Paulo significa lembrar Campinas, aquela que já foi conhecida como "cidade das andorinhas", com seu antigo Mercado Municipal, e que ficou celebrizada numa das páginas mais lindas da pena de Rui Barbosa (a revoada das andorinhas, 1913); significa lembrar o seu festejado Teatro Carlos Gomes; Campinas que há muitos anos é o principal centro oftalmológico do Brasil, e onde se situa uma das maiores e melhores Universidades do País — a UNICAMP; significa recordar o trabalho extraordinário do inesquecível Prof. Zeferino Vaz, que já havia feito obra educacional notável em Ribeirão Preto.

Dizer São Paulo é lembrar Itu, onde se realizou a Convenção Republicana, em 18 de abril de 1873.

Dizer São Paulo é lembrar o Vale do Paraíba, com suas antigas cidades: Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena e Cruzeiro; e suas velhas fazendas de café com seus típicos casarões da época imperial. Vale do Paraíba que é cortado pela antiga Estrada de Ferro Central do Brasil, atual REFERSA, e que em 7 de julho de 1877 completou a ligação ferroviária das duas maiores cidades brasileiras: Rio de Janeiro — São Paulo, com o nome de Estrada de Ferro D. Pedro II.

Dizer São Paulo é lembrar outras regiões de grande importância para o desenvolvimento da agricultura, da indústria e da vida mercantil:

— a Mogiana (a partir de Campinas e seguindo na direção Norte, em demanda do Triângulo Mineiro), cuja primeira etapa foi inaugurada em 1875, e que interligava cidades como: Mogi Mirim, Mogi Guaçu, Casa Branca, Ribeirão Preto, Batatais, Franca, etc.

— a Sorocabana (a partir da Estação Júlio Prestes, nesta Capital, e seguindo rumo ao Sudoeste do Estado, numa linha paralela ao rio Paranapanema, servindo cidades como: Sorocaba, Ourinhos, Assis, Presidente Prudente, e avançando na direção do Estado de Mato Grosso do Sul.

— a Paulista (a partir de Jundiaí, e indo na direção Oeste do Estado, passando por Campinas, Limeira, Rio Claro, Itirapina — bifurcando-se aqui, seguindo de um lado na direção de São Carlos, Araraquara, Jaboticabal e Barretos; e na outra direção, passando por Brotas, Jaú, Pedernheiras, Bauru, Marília, Tupã, Osvaldo Cruz, Adamantina, Tupi Paulista e Panorama, às margens do rio Paraná, na fronteira com o Estado de Mato Grosso do Sul.

— a Ncroeste (a partir de Bauru — a cidade sem limites —, e caminhando pelo extremo Oeste, na direção de Mato Grosso do Sul, e indo até a fronteira com a Bolívia, interligando cidades como: Pirajuí, Avaí, Penápolis, Lins, Birigüí, Araçatuba, Andradina e outras.

— a Araraquarense (a partir de Araraquara, e rumo ao Mato Grosso do Sul, passando por Matão, Taquaritinga, Catanduva, São José do Rio Preto, Mirassol, Votuporanga, Fernandópolis, Jales e Santa Fé do Sul, nas barrancas do Rio Paraná.

É, também, falar da antiga S. P. R. (São Paulo Railway), inaugurada em 1868, interligando o Litoral e o Planalto, passando depois a denominar-se Estrada de Ferro Santos-Jundiaí.

Dizer São Paulo é lembrar centros urbanos regionais, como: Ribeirão Preto, Piracicaba, São Carlos, Bauru, Marília, Araçatuba, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Sorocaba, Mogi das Cruzes, São José dos Campos, etc., que se têm destacado pelo

seu desenvolvimento industrial, tecnológico e educacional.

Dizer São Paulo é lembrar o ABC, que também passa a ser conhecido como ABCD: Santo André (da Borda do Campo), São Bernardo, São Caetano do Sul e Diadema.

Dizer São Paulo é lembrar homens ilustres e assinalados, que aqui viveram, lutaram e produziram, fazendo São Paulo crescer e prosperar.

Dizer São Paulo é lembrar Amador Bueno da Ribeira (meu 7.º avô pela ascendência materna), o aclamado rei de São Paulo, em 1641.

Dizer São Paulo é lembrar as Bandeiras e os bandeirantes, aqueles que, no dizer esplêndido de Guilherme de Almeida:

*"Quebraram a acha,
empurraram a quilha,
Vergaram a vertical
das Tordesilhas".*

Assim, é lembrar Fernão Dias Paes Leme, Borba Gato, Domingos Jorge Velho, Antônio Raposo Tavares (o português-paulista), Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhangüera).

Dizer São Paulo é lembrar José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência; é lembrar a própria proclamação da Independência do Brasil, às margens do riacho Ipiranga, nesta São Paulo de Piratininga.

Dizer São Paulo é lembrar o cientista Oswaldo Cruz e sua cidade natal, a histórica São Luís do Paraitinga.

É lembrar homens do porte de Prudente de Moraes, Campos Sales e o "paulista de Macaé" — RJ — Washington Luís Pereira de Souza.

É lembrar pintores como: Cândido Fortinari, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Benedito Calixto, Almeida Júnior, José Pancetti, Clóvis Graciano.

É lembrar músicos e compositores como: Carlos Gomes, Zequinha de Abreu, Guiomar Novais, Souza Lima, Alexandre Levy e Camargo Guarnieri.

É lembrar poetas e prosadores como: Alvares de Azevedo, Martins Fontes, Vicente de Carvalho, Francisca Júlia, Guilherme de Almeida, Paulo Setúbal, Mário de Andrade, Oswaldo de Andrade, Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo.

É lembrar a Universidade de São Paulo — USP (onde também estudei), a maior do País, com cerca de 40.000 alunos em todos os seus cursos e departamentos, gozando de renome internacional; é lembrar o nome de Armando Salles de Oliveira, seu fundador.

Dizer São Paulo é lembrar a tradicional Faculdade de Direito do Largo

(Continua na página 7)

A arte poética de Paulo Bomfim

NOGUEIRA MOUTINHO

Alexandre Blok anotava no começo do século: "Todo poema é um véu estendido sobre a ponta de algumas palavras. Essas palavras brilham como estrelas. E por elas que existe o poema". Foi lendo Paulo Bomfim que experimentei empiricamente essa verdade: certas palavras lucilam no poema, acenam, estreitam-se, acariciam-se e emergem tão carregadas de imantação que a seu redor os vocábulos são coagidos a constelar-se, de forma a fazer com que o poema seja:

Sei que serei aquele que convence o Espanto das estrelas que desmaiam. E acordam transformadas em silêncio.

Trata-se de um poeta raro em nosso tempo, o poeta inspirado, o poeta cósmico, o vidente, o intuitivo que, ensina Maritain, "da imediatamente livre passagem à intuição criadora nascida nas profundezas da alma". Numa época em que se nega a alma e em que se recusa à poesia o direito de nascer das profundezas, sua obra necessariamente constitui um bloco indecifrado, um enigma cuja pureza repousa intocada na mente dos leitores que ousam acercar-se dos

*Tetos que vão fugindo, onde não
[credes
Possam viver lanternas de granito,
Luzes astrais surgidas de outro mito
Pescado nas escamas de outras redes.*

É efetivamente nessa planície de inspiração essencialmente receptiva, inexplorada e secreta, na qual vigem os arquétipos, os mitos, as musas e os deuses, que o poeta respiga. A noturnidade dos sóis, a inconstância das naves, os rios soterrados, o segredo do pássaro, a senha do canto, a idéia do cristal, a névoa que molha os dedos, as letras mortas que rolam pelo vento, o som das rosas aí vicejam, captados pela sonda lançada ao abismo em que o poema se elabora mediado pelo "vate".

É no *Ungrund* descoberto pela mística renana, reencontrado pelo romantismo de Iena, fonte de toda a metafísica germânica, de Fichte e Schelling a Hegel e a Heidegger, que se estabelece o acordo do homem e do mundo, do microcosmo e do macrocosmo. É nesse abismo que se organizam e tecem os versos do nosso poeta, o solitário poeta que ousa discernir.

*Onde fomos forçados. Onde a sede
E a fome vaticinam sobre as lavras
Que somos; quando alguém atira a
[rede,*

*E nós, demônios, peixes e suicidas,
Penetramos por meio de palavras
Aquele que recolhe nossas vidas.*

Há uma poesia que se define pela clareza, pelas estruturas linguísticas, pelo construtivismo meridiano, pela

volição racional; há outra que se distingue pelo que há nela de engajado, de reivindicativo, de clamor. Nem a uma nem a outra pertence a criação poética de Paulo Bomfim, criação que dificilmente se deixa catalogar, isto é, arquivar: criação cuja essência vem sendo submissa tão-só à liberdade que ela própria engendra. Sua voz emerge de outra fonte, uma fonte mais limpa e mas também mais árdua, e para localizá-la, o vedor, o *sourcier* deve munir-se de instrumentos muito mais sutis do que os da mera análise técnica. A poesia de Paulo Bomfim cresce e floresce na vizinhança da palavra que afirma:

O pensamento executa a relação do Ser à essência do homem. Não constitui nem produz por si mesmo esta relação. O pensamento expõe somente ao Ser aquilo que é entregue a si mesmo pelo Ser. Essa oferenda consiste nisto: no pensamento o Ser acede à linguagem. A linguagem é a morada do Ser. Em seu abrigo o homem habita. Os pensadores e os poetas são os guardiães desse abrigo. Sua guarda é o cumprimento da revelabilidade do Ser, na medida em que por seu dizer fazem eles aceder à linguagem essa revelabilidade, e a conservam na linguagem.

Esta palavra, de obscuridade heraclitiana, profere-a o mais alto pensador de nosso tempo, Martin Heidegger, filósofo que, muito acercado do mistério poético, sabe revelá-lo com a nitidez que o conceptualismo dos cientistas da linguagem não atinge. Porque a poesia não é um problema que possa ser dirimido pela lingüística: a poesia é desvelamento do mistério ontológico. É justamente de imagens ontológicas que a criação de Paulo Bomfim está plena: "A gôndola do verbo, indecifrável sobre as águas do não ser". "A morte apenas fecha os olhos dos que sempre estiveram mortos". "Ao cruzar um rio cortamos o pensamento de um deus". "Um nunca sobre o sempre que se inventa"...

Em seus poemas, é preciso dizê-lo com ênfase que não encontrará justificativa em muitas outras obras da poesia brasileira contemporânea, executa-se com simplicidade absoluta o ato que parece ser o cerne mesmo da criação poética: torna-nos presente aquilo que neles se encontra revelado. Isto significa que não acenam a nenhuma realidade além daquela que no seu emergir se desvanda:

*Invento este soneto onde procuro
Surgir de um ventre de palavras novas,
Nascer de mim, de ti, de tantas provas
Que me iniciam como um deus futuro.*

*Modelo sensações num mundo escuro
Onde semeio o corpo pelas covas,
Berços de terra, fonte onde renovo
As vidas que guardasse com meu*

[muro.

*Enquanto pelo céu as grandes naves
Vão sangrando de azul as descobertas
E os anjos vão ficando inda mais
[graves,*

*Invento este soneto de granizo,
Ferindo em minhas folhas
[entreabertas,
O caos que se transforma num sorriso.*

É no interstício entre o mundo inefável e o mundo da linguagem que o poeta se insere, e, graças à alquimia do verbo, opera a transferência de uma realidade de silêncio a uma realidade expressiva. A poesia de Paulo Bomfim é a de um "trapezista mudo" que pode afirmar: "O livro que hoje escrevo foi escrito / em outro plano estático e diverso". Não se ilude o poeta sobre a realidade que o assalta de todos os lados, como assaltou a outro vate pertencente também a seu hemisfério, Jorge de Lima. Não são suas mãos que escrevem o poema, o poema é que escreve a si mesmo através de suas mãos:

*Passaram por mim as forças que se
enfeixam:*

*— Não construo estas naus, elas me
deixam!*

A coerência interior com que esta criação emerge ao nível da escrita faz pressupor em seu responsável uma entrega incondicional às vozes interiores, pois nada existe menos fabricado, polido, aperfeiçoado, construído, do que os poemas de Paulo Bomfim, sobretudo nesta vasta porção de sua obra, composta pelos sonetos. Embora a afirmativa pareça paradoxal, é de fato no poema de forma fixa que o poeta revela mais patentemente a ausência de qualquer preocupação formal em sua criação. Os decassílabos afloram à ponta dos dedos de um só fluxo, articulando-se nos abismos interiores, em cujos meandros uma arcaica postulação pelo ritmo preside inconscientemente seu elaborar-se. Escrita pré-lógica que ostenta todos os caracteres da escrita automática dos surrealistas: nela, porém, não se inscreve a ambigüidade das imagens desconexas, arbitrarias, explosivas e incoerentes. As metáforas, as alegorias, os símbolos, os mitos com que a poesia de Paulo Bomfim nos acena jazem numa camada talvez mais profunda do inconsciente, nas raízes de um relacionamento do homem com o mundo que é privilégio do princípio encantatório do verso ritmando a ação. Os sonetos do poeta — "haste e corola nos confins do sonho / marcando de infinito a cor do muro" — constituem um caso originalíssimo em nossa literatura, não só pelo conteúdo onírico que neles se descobre, mas em virtude da unidade que faz

[Continua na página 7)

Estratégia para a recuperação...

(Continuação da página 4)

Além disso, estão sendo considerados outros empréstimos destinados para custear empreendimentos destinados ao controle da poluição dos resíduos líquidos industriais, sempre sob orientação e controle do Governo do Estado, através de suas entidades especializadas. O financiamento será de 500 milhões de dólares.

Até aqui, estão perfeitamente caracterizadas as atribuições dos órgãos governamentais envolvidos, bem como da iniciativa privada.

Caberá exclusivamente à SABESP a execução dos projetos, das obras programadas e da operação e manutenção dos sistemas de esgotos resultantes.

Caberá exclusivamente a CETESB as ações de controle de poluição, dentre as quais a caracterização das indústrias que necessitam executar pré-tratamento de seus efluentes, antes do seu recebimento pela SABESP.

Caberá às indústrias a execução, se for o caso, das obras de pré-tratamento de seus efluentes.

Ao Governo do Estado caberá a coordenação geral do Programa de Despoluição do Tietê.

Restar falar da participação da população e da responsabilidade de nossas entidades nesse processo de reabilitação do Tietê. Sua contribuição não é menos importante que o trabalho das agências governamentais e dos estabelecimentos privados.

Estamos no exato momento em que cabe a cada um de nós indagar o que nós, como indivíduos, podemos fazer também para a solução do grande

problema. Temos que passar necessariamente da fase de contemplação e crítica para a fase ativa.

Há muitas formas de colaboração que cada um pode prestar como participante efetivo do esforço para limpar o rio. Mas a consciência sobre a necessidade desse esforço, por si só, já constitui um grande avanço.

Muito trabalho terá que ser realizado pela população, além das obras públicas e privadas. Conscientização de professores e alunos de escolas, campanhas de esclarecimento, palestras e conferências, visitas de reconhecimento, inspeções e mutirões são exemplos de atividades que independem de custosos investimentos.

Estamos no limiar de uma nova fase de relacionamento com o Tietê. Com otimismo, com determinação, e esforço conjunto do governo, das indústrias e da população, conseguiremos, com certeza, alcançar um estado de harmonia entre nós e o rio, com benefícios para ambos. O que não existia há muito tempo.

A Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental — ABES, Seção de S. Paulo, associa-se ao patriótico movimento de reconquista desse valioso patrimônio que é o rio Tietê e coloca-se à disposição de outras entidades para a promoção de trabalhos conjuntos com esse objetivo, altamente significativo. É nossa responsabilidade também fazer cumprir o mandamento constitucional que assegura a todos, sem qualquer distinção, o direito à vida e ao meio ambiente equilibrado e saudável.

Este é um direito fundamental e a razão da nossa luta.

O Estado de São Paulo

(Continuação da página 3)

de São Francisco, criada por decreto imperial de D. Pedro I, em 1827, juntamente com a Faculdade de Recife (esta, no início, Faculdade de Olinda); sim, porque pelas arcadas paulistas passaram vultos notáveis da história pátria oriundos de outros Estados, como: José de Alencar, Rui Barbosa, Castro Alves, Joaquim Nabuco, Olavo Bilac e tantos outros.

É lembrar a heróica e inesquecível Revolução Constitucionalista de 1932, movimento histórico marcante na vida política nacional neste século; é lembrar a sigla MMDC (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo); é lembrar o General Isidoro Dias Lopes e o tribuno Ibrahim Nobre.

É lembrar o atual Príncipe dos Poetas Brasileiros, nosso Irmão-Amigo Paulo Lébeis Bomfim, o poeta de *Antônio Triste* e titular da Cadeira n.º 35 da Academia Paulista de Letras.

É lembrar as divisas da cidade de São Paulo e de nosso Estado:

— da cidade: DUCO, NON DUCOR.

— do Estado: PRO BRASÍLIA
FIANT EXIMIA.

Dizer São Paulo é, finalmente, repetir o poema *Credo*, de Guilherme de Almeida, no qual o poeta faz uma verdadeira profissão de fé no povo paulista, com versos de tocante e singular fraternidade pelo ideal comum:

*"Creio no Pavilhão das treze listas,
na santa união de todos os paulistas,
na comunhão da Pátria adolescente,
na remissão da nossa pobre gente,
numa ressurreição de nosso bem,
na vida livre de São Paulo. Amém".*

Muito obrigado a todos.

São Paulo, 13 de outubro de 1992.

A arte poética de...

(Continuação da página 6)

seu autor — um poeta que não se pertence — exprimir-se através deles: dócil à voz secreta que não é a sua, fala todavia com sua própria voz. É que cada poema seu é um ato de amor, e, como ensina Patrice de La Tour du Pin, "tu peux tout concevoir en un instant d'amour".

Criação que ascende inconsútil dos abismos interiores, conhecimento in-formulável e in-comunicável racionalmente, em consequência assimilável aos mantras — palavras que revelam —, a poesia de Paulo Bomfim deixa-se levar pelo movimento da fonação, escandindo-se segundo um jogo rítmico de timbres que se articula preferencialmente em decassílabos, mas que também assume, quando a tensão força de forma insuportável as comportas, o esquema do heptassílabo, a redondilha maior. Nesses momentos a tensão se adensa, porque neles, mais do que na longa teoria dos sonetos, o poeta se metamorfoseia no instrumento pelo qual fluem vozes antiquíssimas, estruturas pré-consciente e arcaicas, assomando ao nível do verso operações em que está em jogo o destino da linguagem, e por isso mesmo se aproximam do sacral. É necessário que a corda, muito tensa, percuta no espaço com a concisão das litânias.

Nessa linha de reflexões que procura desvendar, embora imperfeitamente, certas constantes de uma obra desafiadora e ainda não decodificada, a trilogia final deste volume, composta por "Das amadas ancestrais", "Eva-Lilith", "Do País do Vir-a-Ser", revela-se como detentora da palavra eficaz, que diz de uma vez por todas, pois é emitida por um mago!

Estranhamente enlaçam-se nos poemas invocações de uma sensualidade que aspira à plenitude, evocações a sílabas cuja ancestralidade, crônica vai diluir-se no mundo dos arquétipos, metáforas cuja órbita se inscreve no espaço numinoso dos mitos.

É da fusão dos metais nessas temperaturas elevadíssimas que surge ao longo dos poemas a cintilação do *aurum purum*. Nos arcanos da alquimia assimila-se ele ao verbo privilegiado dos poetas — dos Vates.

PAULO BOMFIM é Príncipe dos Poetas Brasileiros, título que já foi de 2 bardos paulistas, Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia.

Nogueira Moutinho foi membro da Academia Paulista de Letras, cadeira n.º 13, hoje ocupada pela historiadora Myriam Ellis.